

GERSÃO, Teolinda. *Paisagem com mulher e mar ao fundo*. Nova edição revista pela autora. Porto: Porto Editora, 2019, 198 pp.

Teolinda Gersão[®]

Paisagem com mulher
e mar ao fundo



Consciente de que “a história e a arte ensinam que a revolta costuma nascer do luto e se propaga num turbilhão que mistura lamentos pessoais e coletivos, o próximo e o distante, numa extraordinária emoção coletiva” como refere Didi-Huberman, no seu ensaio “Ondas, torrentes e barricadas”, publicado pela revista *Serrote*, n.33, 2019, Teolinda Gersão, uma das mais consagradas escritoras portuguesas contemporâneas, nos dá de presente, em 2019, uma nova



A revista *Metamorfoses* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

edição de *Paisagem com mulher e mar ao fundo*, revista por ela (1^a. ed. chancela de O Jornal, em 1982). Tal “poética narrativa”, capaz de apresentar, simultaneamente, características do gênero narrativo e do lírico, entremeia o fluxo de consciência de duas personagens femininas, Hortense e Clara, imersas no luto decorrente da perda das pessoas amadas, e uma clara consciência política referente ao regime opressor e ditatorial da época do Estado Novo em Portugal. Ao tematizar um levante popular, ocorrido em uma aldeia à beira-mar plantada, sitiada por instituições e imagens-ícone do fascismo português na época do governo de António de Oliveira Salazar, a autora configura a “partilha do sensível”, na ótica de Jacques Rancière em texto do mesmo nome publicado em São Paulo, Editora 34, 2009. Ao unir estética e política, com singular mestria, o romance desperta um novo olhar interpretativo, tal como o vê Didi-Huberman em *A imagem sobrevivente* (Rio de Janeiro, Contraponto, 2013) e em “Ondas, torrentes e barricadas”. A essas ideias acrescentaremos ainda os conceitos inerentes à psicanálise freudiana, retomados por Vladimir Safatle, em *O circuito dos afetos*, publicado em Belo Horizonte, pela Autêntica Editora, em 2018.

Paisagem com mulher e mar ao fundo, ao tematizar, alegoricamente, a Revolução de 25 de Abril de 1974, problematiza os conceitos de utopia e distopia e põe em cena as imagens sobreviventes, espectrais e fantasmáticas do Estado Novo e do ditador português, retidas no inconsciente coletivo e/ou no imaginário político e cultural. No espaço ficcional, deparamo-nos com “O.S.” – o “Senhor do Mar” – santo que cairá de um andor do alto da falésia, estátua-corpo que desmorona, em decorrência de um ininterrupto e alegórico fluxo e refluxo das ondas que permitirá a instauração da utopia, revelando o projeto e a práxis social de um povo até então imerso em uma situação intolerável e distópica. Constatamos, assim, que é de uma situação de opressão, paralisada e vazia – a maré vaza de um povo –, que se parte para a transformação. Assistimos a um povo de afogados, perdido pela noite fascista, embarcado sem força nem vontade, no barco da loucura e do esquecimento, transformar a terra de opressão na terra dos homens em festa. E só isso bastaria para ficarmos inteiramente seduzidos pelo romance

Ao propor deslizamentos e deslocamentos de sentidos, o romance de Teolinda Gersão cria novas significações passíveis de refletir o circuito dos afetos que produzem corpos políticos, individuais e coletivos, em decorrência do desamparo vivenciado. Por isso, *Paisagem com mulher e mar ao fundo* inscreve uma personagem feminina em luto e em crise identitária. Incapaz de “reconhecer o seu rosto reflectido na vidraça” (p. 9), Hortense constata ter perdido todas as suas coordenadas de tempo e de somente possuir, como único ponto de referência, a paisagem lacunar e nebulosa vista da janela. Atenta ao “ruído do mar” que “entrara pela noite e invisivelmente diluíra as coisas”, fazendo com que “o ar e o tempo” tivessem “deixado de existir” (p. 10), o imaginário delirante da personagem feminina, movido por um desejo suicida, resgata os traumas que a dilaceram e a presença de “corpos fantasmados ou corpos de ausência” (p. 58): o do filho, Pedro, que teve o corpo destroçado por uma granada, durante a guerra colonial africana e o de Horácio, o marido, arquiteto e professor universitário que, ao ter os

seus direitos cerceados pelo governo salazarista, sucumbe, em plena rua, a um ataque cardíaco. Morte presumida ou inevitável de um homem que, ao desenhar e construir cidades imaginadas, privilegiava a “harmonia possível – o espaço do indivíduo e da comunidade, o espaço do repouso, do tempo livre, do prazer, do trabalho, do amor e da festa, o lugar do encontro e o lugar da passagem” (p. 104). E, por isso, as *mãos* de Horácio – elemento metonímico e dionisíaco, representante do metafórico social – deveriam ser mutiladas e aprisionadas, uma vez que não refletiam, como um espelho, as *mãos* demoníacas, apocalípticas e opressoras do Estado Novo. No cenário político e distópico, marcado pela submissão, “resignação” e “obediência”, “a *mão* de O.S. levantava-se acima de todas as coisas, fazendo parar o país, parar o tempo, retroceder séculos” (p. 6 – grifo nosso). Durante décadas, “a sua *mão* parava o vento da mudança e espalhava a areia negra do medo, apertava em torno das casas a mordada do silêncio, a sua *mão* castradora retirava do povo a força da revolta” (p. 87 – grifos nossos). Oliveira Salazar, alegoricamente representado pelo “Senhor do Mar”, onipotente e onipresente, desejará sempre calar os desejos ou “ondas de emancipação”, impedir os atos de subversão e rasurar as palavras que entoam a liberdade. No entanto, esse santo padroeiro da aldeia à beira-mar plantada não conseguirá impedir “o levante”, esse “fenômeno originário de um determinado tipo de situação concernente à vida histórica da sociedade humana” (DIDI-HUBERMAN, 2019, p. 7). Tal “fenômeno de potência” ou “onda de energia social” permitirá a “dispersão das coisas estabelecidas, força resultante da ressaca fluida capaz de destruir as barragens e falésias – isto é, instituições aparentemente tão sólidas” (idem, p. 117). Por isso, a festa de devoção ao Senhor do Mar se transformará em festa de transgressão e de sublevação; a vivência de um tempo disfórico deflagrará a necessidade de se “voltar as costas para o mar” para “ir ao encontro da terra” em processo de transformação, de comunhão e de partilha. Logo, o processo de “levante” popular, “ação conjunta e solidária”, que deveria nascer para “sufocar o espaço asfixiado e egoísta de O.S.” (p. 114), será representado por “*imagens-sintoma*” (assinaladas por “fósseis em movimento e montagem da memória”), que darão origem às “*imagens-desejo*”. A princípio, ligadas à terra, tais imagens transbordam para o mar, através de exemplos espaciais e paradigmáticos especulares da identidade portuguesa: “Uma comunidade subterraneamente germinando e de repente levantando-se, uma seara, um exército em linha de batalha.” (p. 105). Tal “seara” - metáfora terrestre -, torna-se análoga à “onda” marítima didi-hubermaniana que, após crescer subterraneamente, em clave de potência e resistência, atinge com toda a sua força a superfície, afundando a “barragem” que se julgava sólida e inamovível – a Instituição do poder constituído. Por isso, “a rua” transsubstanciar-se-á em “um *mar* de gente que se aperta, uma multidão abrindo alas dos dois lados” (p. 149), o que provocará a queda da imagem do “Senhor do Mar” do alto da falésia, a sua postura descomposta e, posteriormente, incendiada pelos sujeitos até então submissos e desamparados social e economicamente.

Inevitável, portanto, será convocarmos, aqui, Wladimir Safatle que, respaldado nos conceitos de Freud, afirma que “toda ação política é inicialmente uma ação de desabamento e

só pessoas desamparadas são capazes de agir politicamente” (2018, p. 50). Diz ele: Inerentes à internalização do desamparo, encontram-se “a dor que não cessa” e o acúmulo de necessidades que não obtém satisfação” (2018, p. 53). E é exatamente isso que desencadeará “o salto no escuro”, assinalado pela tentativa de ultrapassagem de limites; pelo risco, ao se assumir uma ação transformadora que reverterá a situação cristalizada; pela manutenção da integridade que não admite a perversão dos valores humanitários. Julgamos que o “saltar no escuro” ou no vazio, inerente ao sujeito desamparado, aproxima-se da *imagem-pathos*, identificada por Didi-Huberman (2013) como “linhas de fratura e fórmulas de intensidade”. Logo, segundo Safatle, “saltar no vazio não será inerte”, pois “o impossível é o lugar para onde não cansamos de andar, mais uma vez, quando queremos mudar de situação. Tudo o que amamos foi um dia impossível” (2018, p. 35). E, em *Paisagem com mulher e mar ao fundo*, ouvimos as vozes ou os pensamentos recônditos das personagens femininas: (“Procuro um rosto ausente. Um homem que partiu, que se ausentou. Não digas nada, que sabes tu das coisas. Da ausência, da morte, eu sei. Do amor, eu sei, é um salto no escuro, um salto mortal no escuro”) – (p. 188).

Muito mais poderia ser dito sobre o romance, mas o espaço exíguo de uma resenha não o permite. O que importa é o que Teolinda Gersão nos ensina, através do “salto no escuro”: “o gesto livre do amor, do desejo e do sonho, a liberdade de negar o falso universo estabelecido” (p. 106) e o poder de transformação existencial e social.

Ângela Beatriz de Carvalho Faria
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)